

20º Domingo do Tempo Comum

Ano B

TEMA

A liturgia do 20º Domingo do Tempo Comum repete o tema dos últimos domingos: Deus quer oferecer aos homens, em todos os momentos da sua caminhada pela terra, o “pão” da vida plena e definitiva. Naturalmente, os homens têm de fazer a sua escolha e de acolher esse dom.

No **Evangelho**, Jesus reafirma que o objectivo final da sua missão é dar aos homens o “pão da vida”. Para receber essa vida, os discípulos são convidados a “comer a carne” e a “beber o sangue” de Jesus – isto é, a aderir à sua pessoa, a assimilar o seu projecto, a interiorizar a sua proposta. A Eucaristia cristã (o “comer a carne” e “beber o sangue” de Jesus) é um momento privilegiado de encontro com essa vida que Jesus veio oferecer.

A **primeira leitura** oferece-nos uma parábola sobre um banquete preparado pela “senhora sabedoria” para os “simples” e para os que querem vencer a insensatez. Convida-nos à abertura aos dons de Deus e à disponibilidade para acolher a vida de Deus (o “pão de Deus que desce do céu”).

A **segunda leitura** lembra aos cristãos a sua opção por Cristo (aquele Cristo que o Evangelho de hoje chama “o pão de Deus que desceu do céu para a vida do mundo”). Convida-os a não adormecerem, a repensarem continuamente as suas opções e os seus compromissos, a não se deixarem escorregar pelo caminho da facilidade e do comodismo, a viverem com empenho e entusiasmo o seguimento de Cristo, a empenharem-se no testemunho dos valores em que acreditam.

LEITURA I – Prov 9,1-6

A Sabedoria edificou a sua casa e levantou sete colunas.

**Abateu os seus animais,
preparou o vinho e pôs a mesa.**

Enviou as suas servas

a proclamar nos pontos mais altos da cidade:

«Quem é inexperiente venha por aqui».

E aos insensatos ela diz:

«Vinde comer do meu pão e beber do vinho que vos preparei.

**Deixai a insensatez e vivereis;
seguí o caminho da prudência».**

AMBIENTE

O “Livro dos Provérbios” apresenta várias colecções de ditos, de sentenças, de máximas, de provérbios (“mashal”) onde se cristaliza o resultado da reflexão e da experiência (“sabedoria”) de várias gerações de “sábios” antigos (israelitas e alguns não israelitas). O objectivo desses provérbios é definir uma espécie de “ordem” do mundo e da sociedade que, uma vez apreendida e aceite pelo indivíduo, o levará a uma integração plena no meio em que está inserido. Dessa forma, o indivíduo poderá viver sem traumas nem sobressaltos que destruam a sua harmonia interior e o incapacitem para dar o seu contributo à comunidade. Ficará, assim, de posse da chave para viver em harmonia consigo mesmo e com os outros, e assegurará uma

vida feliz, tranquila e próspera.

O livro apresenta-se como tendo sido composto por Salomão (cf. Prov 1,1), o rei “sábio”, conhecido pelos seus dotes de governação, pelos seus dons literários, por numerosas sentenças sábias (cf. 1 Re 3,16-28; 5,7; 10,1-9.23) e que se tornou uma espécie de “padrão” da tradição sapiencial... Na realidade, não podemos aceitar, de forma acrítica, essa indicação: a leitura atenta do livro revela que estamos diante de colecções de proveniência diversa, compostas em épocas diversas. Alguns dos materiais apresentados no livro podem ser do séc. X a.C. (época de Salomão; no entanto, isso não implica que venham do próprio Salomão); outros, no entanto, são bem mais recentes.

O nosso texto integra uma secção que poderíamos chamar, genericamente, “instruções e advertências” (cf. Prov 1,8-9,16). Trata-se de um conjunto de exortações e de instruções de um pai/educador, convidando o filho a adquirir a “sabedoria”. É dentro desta secção que nos aparece a antítese entre a “senhora sabedoria” e a “senhora loucura” (cf. Prov 9,1-6.13-18) – um dos textos emblemáticos do “Livro dos Provérbios”. A primeira leitura deste domingo é, precisamente, a primeira parte da antítese (a apresentação da “senhora sabedoria”).

Segundo os especialistas, esta secção é a parte mais recente do “Livro dos Provérbios” e não pode ser anterior ao séc. IV ou III a.C. Provavelmente foi escrita como introdução ao “Livro dos Provérbios” quando todas as outras secções já estavam organizadas.

MENSAGEM

O que está em causa, nesta reflexão dos “sábios” de Israel, é a questão das opções de vida. Os homens podem escolher entre a “senhora sabedoria” e a “senhora loucura” (que é apresentada também na sequência – cf. Prov 9,13-18); e essa opção vai ditar, naturalmente, o êxito, a realização, a felicidade, a vida, ou o inêxito, o fracasso, a desgraça, a morte.

O texto que nos é proposto é uma espécie de propaganda da “senhora sabedoria”; a sua finalidade é levar os destinatários da mensagem a realizarem a opção correcta – a opção que lhes garante a vida e a felicidade. Através de uma parábola, o “sábio” autor deste texto apresenta a “senhora sabedoria” e o convite que ela dirige a todos aqueles que querem descobri-la.

A “senhora sabedoria” é apresentada como uma dama fina, da alta sociedade, que construiu uma “casa” (vers. 1). Essa “casa” tem, naturalmente, “sete colunas”, pois o número sete é, no universo cultural judaico, o número da plenitude, da perfeição. A “casa” da “senhora sabedoria” é, portanto, uma “casa” onde se pode encontrar a perfeição, a plenitude.

Na sua “casa”, a “senhora sabedoria” organiza um “banquete”... Prepara comida e vinho em abundância e põe a mesa (vers. 2); depois, envia as suas servas para que levem a toda a cidade o convite para participar na festa (vers. 3). Provavelmente, esta “casa” para onde a “dona sabedoria” convida é a escola regida pelos “sábios” de Israel e onde se ensinava a “sabedoria”. A “comida” e o “vinho” devem referir-se ao “alimento sapiencial” aí servido (quer dizer, a essas regras práticas ensinadas pelos “sábios” nas escolas sapienciais, e destinadas a “armar” os alunos para enfrentarem os problemas do dia a dia, de forma a terem êxito nos seus empreendimentos e a serem felizes).

Quem são os destinatários do convite feito pela “senhora sabedoria”? São os “simples” (na tradução que nos é proposta no Missal Romano, fala-se dos “inexperientes”) e os “insensatos” (vers. 4-6). Estes últimos, porém, devem previamente estar dispostos a deixar a insensatez e a seguir o “caminho da prudência”. Os “simples” equivalem aos “pobres” da literatura bíblica: são os pequenos, os humildes, aqueles que não vivem instalados em esquemas de orgulho e de auto-suficiência e têm sempre o coração aberto a Deus e às suas propostas. Os “insensatos” que querem seguir o caminho da prudência são aqueles que não se conformam com a sua fragilidade e debilidade e

estão dispostos a fazer um esforço no sentido de reformular a sua vida... Uns e outros têm o coração aberto ao convite da “sabedoria” e estão dispostos a acolher os seus dons.

ACTUALIZAÇÃO

- O que está aqui em causa é, portanto, a questão das opções de vida. Optar pela “senhora sabedoria” significa escolher a vida, a felicidade, a realização; optar pela “senhora loucura” significa escolher a morte, a infelicidade, o fracasso... O problema das escolhas correctas é o problema que mais nos angustia e inquieta, ao longo da nossa caminhada pela vida. A Palavra de Deus que nos é proposta contém um convite inquestionável a irmos ao banquete da “senhora sabedoria”, a alimentarmo-nos dos seus dons, a abrirmos o coração às suas propostas. É esse o caminho da verdadeira realização e da verdadeira felicidade.

- A “sabedoria” ensinada em Israel (bem como nos países circunvizinhos) é um conjunto de normas práticas, deduzidas da experiência e da reflexão, destinadas a formar homens íntegros, justos, leais, prudentes, capazes de saber como actuar em cada circunstância e de cumprir a sua missão, sem violar a ordem cósmica e social. Trata-se, apenas, de uma “sabedoria” profana, de um humanismo, de um conjunto de regras para orientar o comportamento e as relações sociais, sem qualquer referência ao mundo transcendente? Que lugar é que Deus ocupa nesta reflexão? Deus será necessário ao homem que quer ser “sábio”? O “sábio” israelita é também um crente, com tudo o que isso implica. Ao longo do Livro dos Provérbios, os “sábios” de Israel afirmam repetidamente que o verdadeiro fundamento da “sabedoria” é o “temor de Deus” (cf. Prov 10,27; 14,26; 15,16.33; 16,6; 19,23; 22,4; 23,17; 24,21; 31,30), como se considerassem que Deus não pode ser excluído da vida do homem que quer ter êxito e ser feliz. O termo “temor” não acentua (como nas línguas modernas) a dimensão do “medo”; mas indica uma atitude do crente diante de Deus caracterizada pela reverência, pelo respeito, pela obediência, pela confiança. Ora, de acordo com os “sábios” do “Livro dos Provérbios”, essa atitude religiosa face a Deus é condição indispensável para a aquisição de uma “sabedoria” genuína, de um verdadeiro conhecimento. Não há, pois, “sabedoria” autêntica sem uma abertura decidida à transcendência. Todos nós queremos, naturalmente, aceitar o convite da “senhora sabedoria”, saborear os alimentos que ela nos oferece e munir-nos dos instrumentos necessários para triunfar na vida, para alcançar a realização e a felicidade; no entanto, com frequência, buscamos a nossa realização plena e a nossa felicidade contra Deus ou, pelo menos, à margem de Deus e dos seus valores... Para nós, crentes, o encontro com a “senhora sabedoria” passa pela escuta de Deus e dos seus planos, pela entrega confiada nas mãos de Deus, pela obediência radical às propostas de vida que Deus nos faz. Não poderemos chegar à nossa realização plena ignorando Deus e as suas propostas.

- É por isso que só os “simples” e os “insensatos que querem deixar a insensatez e seguir o caminho da prudência” são admitidos à mesa da “senhora sabedoria”. Os “simples” são aqueles que não têm o coração demasiado cheio de si próprio, que não se fecham no orgulho e na auto-suficiência, que reconhecem a sua pequenez e finitude e que se entregam com humildade e confiança nas mãos de Deus; os “insensatos que buscam o caminho da prudência” são aqueles que estão dispostos a mudar, que não se conformam com a vida do homem velho e querem ir mais além... Uns e outros são o paradigma de uma determinada atitude: a atitude de abertura aos dons de Deus, de disponibilidade para acolher a vida de Deus... São aqueles que reconhecem que precisam de Deus e dos seus dons pois, por si sós, são incapazes de encontrar o caminho para a realização, para a felicidade, para a vida plena.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 33 (34)

Refrão: Saboreai e vede como o Senhor é bom.

A toda a hora bendirei o Senhor,
o seu louvor estará sempre na minha boca.
A minha alma gloria-se no Senhor:
escutem e alegrem-se os humildes.

Temei o Senhor, vós os seus fiéis,
porque nada falta aos que O temem.
Os poderosos empobrecem e passam fome,
aos que procuram o Senhor não faltará riqueza alguma.

Vinde, filhos, escutai-me,
vou ensinar-vos o temor do Senhor.
Qual é o homem que ama a vida,
que deseja longos dias de felicidade?

Guarda do mal a tua língua
e da mentira os teus lábios.
Evita o mal e faz o bem,
procura a paz e segue os seus passos.

LEITURA II – Ef 5,15-20

Irmãos:

Vede bem como procedeis.

Não vivais como insensatos, mas como pessoas inteligentes.

Aproveitai bem o tempo, porque os dias que correm são maus.

Por isso não sejais irreflectidos,

mas procurai compreender qual é a vontade do Senhor.

Não vos embriagueis com o vinho, que é causa de luxúria,

mas enchei-vos do Espírito Santo,

recitando entre vós salmos, hinos e cânticos espirituais,

cantando e salmodiando em vossos corações,

dando graças, por tudo e em todo o tempo, a Deus Pai,

em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.

AMBIENTE

A segunda leitura deste domingo apresenta-nos, mais uma vez, um texto dessa carta que Paulo enviou da prisão (de Roma?) a diversas comunidades cristãs da zona ocidental da Ásia Menor (entre as quais se contava a comunidade cristã de Éfeso).

O nosso texto pertence à segunda parte da carta (cf. Ef 4,1-6,20). Nessa “exortação aos baptizados”, Paulo retoma alguns dos temas tradicionais do catecismo primitivo e convida os cristãos a deixarem a antiga forma de viver para assumir a nova, revestindo-se de Cristo (cf. Ef 4,17-31), imitando Deus (cf. Ef 4,32-5,2), passando das trevas à luz (cf. Ef 5,3-20). Como cenário de fundo da reflexão paulina está sempre a necessidade de os cristãos deixarem a vida do homem velho, para assumirem a vida do Homem Novo. É neste sentido que devem ser entendidos essas normas práticas de conduta que Paulo apresenta aos seus cristãos no texto que nos é proposto.

Estamos no início da década de 60... Passou já o entusiasmo inicial que levou muitos

crentes (os de Éfeso também) a uma adesão entusiástica a Jesus e à sua proposta de vida... Agora, a monotonia, a instalação, o comodismo são realidades que estão presentes em muitas comunidades e na vida de muitos cristãos. Embora preso, Paulo continua a preocupar-se com a vida dos cristãos e das comunidades que ele acompanhou; por isso, vai exortar os crentes a uma vida de coerência com os compromissos um dia assumidos diante de Cristo e diante dos irmãos da comunidade.

MENSAGEM

O nosso texto é antecedido pelo fragmento de um antigo hino cristão que convida os crentes a despertarem do sono em que jazem e a redescobrirem a luz de Cristo (cf. Ef 5,14). O que é que significa, na perspectiva de Paulo, acordar de novo para a luz, ou o viver como “filhos da luz”?

Os cristãos, definitivamente comprometidos com Cristo desde o dia do seu Baptismo, não podem, estupidamente (“como insensatos” – vers. 15), voltar aos valores do homem velho. É verdade que os tempos não são favoráveis e não ajudam a que se viva com coerência a própria fé e os valores de Jesus; mas é precisamente nesses ambientes mais difíceis e adversos que se torna mais necessário dar testemunho dos projectos de Deus e cumprir a vontade do Senhor (vers. 16-17).

“Não vos embriagueis com vinho, que leva à vida desregrada, mas deixai-vos encher do Espírito” (vers. 18) – aconselha Paulo. O “vinho” representa aqui, provavelmente, todos esses valores materiais que seduzem os homens, que os levam ao desregramento e que os fazem esquecer os seus compromissos; o Espírito significa a vida de Deus – essa vida que os crentes receberam no dia do seu Baptismo, que deve encher os seus corações e que deve transformar-se em gestos de amor e de doação a Deus e aos irmãos.

O nosso texto termina com um convite à oração, ao louvor, à acção de graças ao Senhor. Os crentes não podem esquecer a sua ligação ao Senhor e o seu diálogo com Ele, pois é esse diálogo que os mantém atentos e vigilantes, comprometidos com o projecto de Deus. Quando a oração é feita em comunidade, ela torna-se partilha mútua e uma caminhada comum na descoberta dos planos de Deus para os homens e para o mundo (vers. 19-20).

ACTUALIZAÇÃO

- A tentação da acomodação, da instalação, do “deixar correr”, do viver o seguimento de Cristo de forma “morna” e pouco empenhada, do deixarmos-nos envolver por comportamentos e valores pouco consentâneos com o nosso compromisso com Cristo, é uma tentação real e que todos nós conhecemos bem. Como diz Paulo, é uma estupidez termos descoberto a vida verdadeira e deixarmos que o homem velho do egoísmo e do pecado nos domine de novo... O texto da Carta aos Efésios que nos é proposto é um convite a não adormecermos, a repensarmos continuamente as nossas opções e os nossos compromissos, a não nos deixarmos escorregar pelo caminho da facilidade e do comodismo, a vivermos com empenho e entusiasmo o seguimento de Cristo, a empenharmo-nos no testemunho dos valores em que acreditamos. A opção que fizemos no dia do nosso Baptismo tem de ser confirmada e revitalizada por uma infinidade de novas opções, todos os dias da nossa vida.

- Paulo recomenda aos seus cristãos que não se embriaguem “com vinho, que leva à vida desregrada”. Dizíamos acima que o embriagar-se com “vinho” representa, nestas circunstâncias, o deixar-se seduzir por esses valores materiais que afastam os homens dos valores eternos, dos valores do Reino... Pessoalmente, quais são os valores a que eu dou mais importância? Algum desses valores constitui um obstáculo para que eu viva, de forma verdadeiramente comprometida, os valores de Jesus e do

Evangelho?

• O viver como “filhos da luz” implica ainda, na perspectiva de Paulo, a oração, o louvor, a acção de graças. Um crente que tem Deus como a coordenada fundamental da sua existência e que se sente chamado a fazer parte da família de Deus é um crente que vive em diálogo contínuo com Deus. É nesse diálogo que ele percebe os planos e os projectos de Deus para si próprio e para o mundo e encontra a coragem para percorrer o caminho da fidelidade e do compromisso. Consigo encontrar tempo e disponibilidade para falar com Deus, para escutar as propostas que Ele me apresenta? Estou consciente dos dons de Deus e respondo-Lhe com o louvor e a acção de graças?

ALELUIA – Jo 6,56

Aleluia. Aleluia.

Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue permanece em mim e Eu nele, diz o Senhor.

EVANGELHO – Jo 6,51-58

Naquele tempo,

disse Jesus à multidão:

«Eu sou o pão vivo que desceu do Céu.

Quem comer deste pão viverá eternamente.

E o pão que Eu hei-de dar é minha carne, que Eu darei pela vida do mundo».

Os judeus discutiam entre si:

«Como pode ele dar-nos a sua carne a comer?»

E Jesus disse-lhes:

«Em verdade, em verdade vos digo:

Se não comerdes a carne do Filho do homem

e não beberdes o seu sangue,

não tereis a vida em vós.

Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna;

e Eu o ressuscitarei no último dia.

A minha carne é verdadeira comida

e o meu sangue é verdadeira bebida.

Quem come a minha carne e bebe o meu sangue

permanece em Mim e eu nele.

Assim como o Pai, que vive, Me enviou

e eu vivo pelo Pai,

também aquele que Me come viverá por Mim.

Este é o pão que desceu do Céu;

não é como o dos vossos pais, que o comeram e morreram:

quem comer deste pão viverá eternamente».

AMBIENTE

O trecho que nos é proposto neste domingo como Evangelho situa-nos ainda na sinagoga de Cafarnaum (cf. Jo 6,59) e no contexto do discurso sobre o “pão que desceu do céu para dar vida ao mundo”. Neste trecho, no entanto, Jesus vai um pouco

mais além: convida os seus interlocutores a comer a sua carne e a beber o seu sangue.

Alguns biblistas pensam que esta parte do discurso é uma reflexão da primitiva comunidade cristã que reinterpretoou a primeira parte do discurso, explicitando-a a partir da celebração eucarística posterior; outros pensam que João reelaborou uma série de materiais que estariam inicialmente incluídos no relato da última ceia e que foram deslocados para aqui por conveniências teológicas (na sua versão da última ceia, João preferiu dar relevo à lavagem dos pés; contudo, não quis omitir o discurso eucarístico de Jesus, um dado tão importante para a tradição cristã. Sendo assim, trasladou-o para outro lugar; e o lugar mais indicado para o situar pareceu-lhe ser, precisamente, na continuação do discurso sobre o “pão descido do céu para dar vida ao mundo”). Em qualquer caso, esta parte do discurso (cf. Jo 6,51-58) não deve ter sido feita na sinagoga de Cafarnaum... Ela só faz sentido após a instituição da Eucaristia, na última ceia.

O discurso sobre o “pão da vida” (cf. Jo 6,22-58) ficou, portanto, no esquema de João, com o seguinte enquadramento lógico: os homens buscam o pão material; Jesus traz-lhes o “pão do céu que dá vida ao mundo”; e o pão eucarístico realiza, de forma plena, a missão de Jesus no sentido de dar vida ao homem.

MENSAGEM

Depois de se apresentar como “o pão vivo que desceu do céu” para dar aos homens a vida definitiva (vers. 51a), Jesus identifica esse “pão” com a sua “carne” (vers. 51b). A palavra “carne” (em grego: “sarx”) designa a realidade física do homem, na sua condição débil, transitória e caduca. Ora, foi precisamente na “carne” de Jesus – isto é, no seu corpo físico – que se manifestou, em gestos concretos, a sua doação e o seu amor até ao extremo. Na realidade física de Jesus, Deus tornou-se presente e visível no meio dos homens, mostrou a sua vontade de comunicar com os homens e manifestou-lhes o seu amor. É esta “carne” (isto é, a sua vida física, o “lugar” onde Deus se manifesta aos homens e lhes mostra o seu amor) que Jesus vai dar a “comer” para que o mundo tenha vida.

Os judeus não entendem as palavras de Jesus (vers. 51). Quando Jesus se apresentou como “pão vivo descido do céu para dar a vida ao mundo”, eles entenderam que Jesus pretendia ser uma espécie de “mestre de sabedoria” que trazia aos homens palavras de Deus (também isso, eles tinham dificuldade em aceitar; mas, pelo menos, entendiam aonde Ele queria chegar)... Mas agora Jesus fala em “comer” a sua carne. O que significam as suas palavras? São palavras difíceis de entender, se não nos colocarmos numa perspectiva eucarística; e, por isso, os judeus não as entendem... Para a comunidade de João, contudo, as palavras de Jesus são claras, pois são entendidas tendo em conta a celebração e o significado da Eucaristia.

Na sequência, Jesus reitera a sua afirmação, desta vez com mais desenvolvimentos: Ele não só vai dar a “comer” a sua carne, mas também a beber o seu sangue; e quem os aceitar recebe vida definitiva (vers. 53-54). A referência ao “sangue” coloca-nos no contexto da paixão e da morte. Dizer que Jesus é “carne” significa que Ele se tornou pessoa como nós, assumiu a nossa condição de debilidade, aceitando passar, até, pela experiência da morte. Dizer que o pão que Ele há-de dar é a sua “carne para a vida do mundo” significa que Jesus fez da sua vida um dom, uma “entrega” por amor aos homens; e que o momento mais alto dessa vida feita “dom” e “entrega” é a morte na cruz. Na cruz, manifestou-se, através da “carne” de Jesus – isto é, através da sua realidade física – o seu amor, o seu dom, a sua entrega... Ora, é essa realidade que se manifestou na cruz – realidade de amor, de doação, de entrega – que os discípulos são convidados a “comer” e a “beber”. “Comer” e “beber” significam, neste contexto, “aderir”, “acolher”, interiorizar”, “assimilar”.

A questão é, portanto, esta: Jesus não está a falar da sua “carne” física e do seu “sangue” físico... Está a pedir, simplesmente, que os seus discípulos acolham e

assimilem essa vida de amor, de dom, de entrega, que Ele mostrou na sua pessoa (isto é, nos seus gestos, no seu amor, na sua doação aos homens) e que teve a sua expressão mais radical na cruz, quando Jesus, por amor, ofereceu totalmente a sua vida, até à última gota de sangue. Quem “acolher” e “assimilar” esta vida e aceitar viver da mesma forma – no amor e no dom total da vida, até à morte – terá vida plena e definitiva.

A Eucaristia actualiza esta realidade na comunidade cristã e na vida dos crentes. Esse mesmo Jesus que amou até às últimas conseqüências, que pôs a sua vida ao serviço dos homens, que Se deu na cruz, oferece-Se como alimento aos seus. O discípulo que “come” e “bebe” a sua “carne” e o seu “sangue” assimila esta proposta e compromete-se a viver e a dar a vida como Ele (vers. 55).

Um dos efeitos de “comer a carne” e “beber o sangue” de Jesus é ficar em união íntima, em comunhão de vida com Jesus. O discípulo que interioriza a proposta de Jesus identifica-se com Ele e torna-se um com Ele (vers. 56). O cristão é, antes de mais, alguém que recebe vida de Jesus e vive em união com Ele.

Outro efeito de “comer a carne” e “beber o sangue” de Jesus é comprometer-se com o mesmo projecto de Jesus. Jesus Cristo foi enviado pelo Pai ao mundo para dar vida ao mundo e o seu plano consiste em concretizar esse projecto; o cristão assimila esse mesmo projecto e dedica toda a sua existência a concretizá-lo no meio dos homens (vers. 57).

É neste caminho que se chega a essa vida plena e definitiva que Jesus veio propor aos homens. Do “comer a carne” e “beber o sangue” de Jesus nascerá uma nova humanidade de gente livre, que venceu a morte e que vive para sempre (vers. 58).

O discurso que João põe na boca de Jesus não se dirige aos judeus (pois os judeus não eram capazes de entender as palavras de Jesus), mas dirige-se aos discípulos. O seu objectivo é explicar o programa de Jesus, pedir aos discípulos que assimilem esse programa e o testemunhem no meio dos homens. A Eucaristia cristã (“comer a carne” e beber o sangue”) é, assim, uma forma privilegiada de “actualizar” na vida dos crentes a vida e o amor de Jesus, de estar em comunhão com Jesus, de “assimilar” o projecto de Jesus e de o concretizar no mundo.

ACTUALIZAÇÃO

- Nas semanas anteriores, a liturgia disse-nos, repetidamente, que Jesus era o “pão descido do céu para dar vida ao mundo”... O Evangelho deste domingo liga esta afirmação com a Eucaristia: uma das formas privilegiadas de Jesus continuar presente, no tempo, a “dar vida” ao mundo é através do “pão” que Ele distribui à mesa da Eucaristia. A Eucaristia que as comunidades cristãs celebram cada domingo (ou mesmo cada dia) não é um rito tradicional a que “assistimos” por obrigação, para acalmar a consciência ou para cumprir as regras do “religiosamente correcto”; mas é um encontro com esse Cristo que Se faz “dom” e que vem ao nosso encontro para nos oferecer a vida plena e definitiva. Como é que eu “sinto” a Eucaristia? Que importância é que ela assume na minha vida e na minha existência cristã?

- Participar no encontro eucarístico, “comer a carne” e “beber o sangue” de Jesus é encontrar-se, hoje, com esse Cristo que veio ao encontro dos homens e que tornou presente na sua “carne” (na sua pessoa física) uma vida feita amor, partilha, entrega, até ao dom total de si mesmo na cruz (“sangue”). Participar no encontro eucarístico, “comer a carne” e “beber o sangue” de Jesus, é acolher, assimilar e interiorizar essa proposta de vida, aceitar que ela é um caminho para a felicidade, para a realização plena do homem, para a vida definitiva.

- Sentar-se à mesa da Eucaristia é também identificar-se com Jesus, viver em união com Ele. Na Eucaristia, o alimento servido é o próprio Cristo. Por isso, é a própria vida de Cristo que passa a circular nas veias dos crentes. Quem acolhe essa vida que

Jesus oferece torna-se, portanto, um com Ele. Comer cada domingo (ou cada dia) à mesa com Jesus desse alimento que Ele próprio dá e que é a sua pessoa, leva os crentes a uma comunhão total de vida com Jesus e a fazer parte da família do próprio Jesus. Convém termos consciência desta realidade: celebrar a Eucaristia é aprofundarmos os laços familiares que nos unem a Jesus, identificarmo-nos com Ele, deixarmos que a sua vida circule em nós. Este crente, identificado com Cristo, torna-se uma pessoa nova, à imagem de Cristo.

- Na concepção judaica, a partilha do mesmo alimento à volta da mesa gera entre os convivas familiaridade e comunhão. Assim, os crentes que participam da Eucaristia passam a ser irmãos: em todos circula a mesma vida, a vida do Cristo do amor total. Dessa forma, a participação na Eucaristia tem de resultar no reforço da comunhão dos irmãos. Uma comunidade que celebra a Eucaristia e que vive depois na divisão, no ciúme, no conflito, no orgulho, na auto-suficiência, na indiferença para com as dores e as necessidades dos irmãos, é uma comunidade que não está a ser coerente com aquilo que celebra; e, nesse caso, a celebração eucarística é uma incoerência e uma mentira.

- Finalmente, o “comer a carne” e “beber o sangue” de Jesus implica um compromisso com esse mesmo projecto que Jesus procurou concretizar em toda a sua vida, em todos os seus gestos, em todas as suas palavras. Como Jesus, o crente que celebra a Eucaristia tem de levar ao mundo e aos homens essa vida que aí recebe... Tem de lutar, como Jesus, contra a injustiça, o egoísmo, a opressão, o pecado; tem de esforçar-se, como Jesus, por eliminar tudo o que desfeia o mundo e causa sofrimento e morte; tem de construir, como Jesus, um mundo de liberdade, de amor e de paz; tem de testemunhar, como Jesus, que a vida verdadeira é aquela que se faz amor, serviço, partilha, doação até às últimas consequências. Se a Eucaristia for, de facto, uma experiência profunda e sentida de adesão a Cristo e ao seu projecto, dela resultará o imperativo de uma entrega semelhante à de Cristo em favor dos nossos irmãos e da construção de um mundo novo.

ALGUMAS SUGESTÕES PRÁTICAS PARA O 20º DOMINGO DO TEMPO COMUM *(adaptadas de “Signes d’aujourd’hui”)*

1. A LITURGIA MEDITADA AO LONGO DA SEMANA.

Ao longo dos dias da semana anterior ao 20º Domingo do Tempo Comum, procurar meditar a Palavra de Deus deste domingo. Meditá-la pessoalmente, uma leitura em cada dia, por exemplo... Escolher um dia da semana para a meditação comunitária da Palavra: num grupo da paróquia, num grupo de padres, num grupo de movimentos eclesiais, numa comunidade religiosa... Aproveitar, sobretudo, a semana para viver em pleno a Palavra de Deus.

2. BILHETE DE EVANGELHO.

O conviva é aquele que “vive com” o tempo de uma refeição. Jesus faz continuamente referência à relação que O une a seu Pai; eles vivem a convivência, Eu vivo pelo Pai”, diz Jesus. Mas acrescenta: “também aquele que Me come viverá por Mim”. Em cada Eucaristia, não estamos ao lado de Cristo ressuscitado, Ele vem morar em nós para viver em nós. Temos de dizer, como São Paulo: “Não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”. É isso a comunhão, esta união total. É o momento de dizer: “Este mistério é grande!” É grande, porque nunca acabaremos de nos maravilharmos e de dar graças. Hoje, se Cristo vem habitar em nós, é para que nós habitemos n’Ele. Vivamos as nossas Eucaristias verdadeiramente como um tempo de convivência.

3. À ESCUTA DA PALAVRA.

Jesus é insistente: não pára de repetir que os seus discípulos devem comer a sua carne e beber o seu sangue! Ainda hoje, tal linguagem é chocante, inaceitável para a nossa razão e para a nossa sensibilidade. Sabemos, é certo, que São João escreve depois da Ressurreição e que as palavras de Jesus só se podem aceitar e compreender a essa luz. Uma das palavras-chave do discurso de Jesus é “morar”: aqui e em tantas passagens do Evangelho... Morar com alguém é entrar na sua intimidade, para ficar juntos. É isso que Deus quer: “estar com” com os homens, “Emanuel”, para que nós estejamos também com Ele. Não podemos aceder ao sentido profundo das palavras de Jesus sobre a sua carne a comer e o seu sangue a beber se não nos colocarmos no registo do amor que exige a presença, o “estar com” dos dois seres que se amam. No amor, é tudo ou nada. O seu amor por nós é tal que Ele quer dar-Se na totalidade do seu ser e quer que esse dom dure sempre. Esta experiência já acontece humanamente: num momento de intensa comunhão com o ser amado, desejamos ardentemente que isso dure sempre. Ao escolher o meio do banquete eucarístico para colocar em nós a sua presença de Ressuscitado, Jesus quer enraizar-Se em nós e alimentar o gérmen da Vida eterna que será doravante a sua. Eis porque Ele pode afirmar: “quem comer deste pão viverá eternamente”. Participar na Eucaristia, comungar do corpo e do sangue de Jesus ressuscitado, é oferecer-Lhe o nosso “espaço humano” muito concreto, toda a nossa pessoa para que Ele venha habitar em nós. Então podemos, desde agora, ser um com Ele: “já não sou Eu que vivo, é Cristo que vive em mim!”.

4. PARA A SEMANA QUE SE SEGUE...

O importante é viver e partilhar a vida. Nesta semana, poderíamos estar particularmente atentos àqueles que têm dificuldade em viver, porque o seu sofrimento é demasiado pesado... Talvez poderemos, simplesmente, estar presentes a seu lado e dizer-lhes uma palavra de vida, algumas palavras do coração que saibam reacender a esperança.

Grupo Dinamizador

Pe. Joaquim Garrido - Pe. Manuel Barbosa - Pe. Ornelas Carvalho

Província Portuguesa dos Sacerdotes do Coração de Jesus (dehonianos)

Rua Cidade de Tete, 10 ☎ 1800-129 Lisboa – Portugal

Tel: 218 540 900 ☎ Fax: 218 540 909

scj.lu@netcabo.pt ☎ www.ecclesia.pt/dehonianos